

ARAÚJO, K. S. Avaliação de compreensão em leitura em língua estrangeira: itens isolados e itens integradores. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

## AVALIAÇÃO DE COMPREENSÃO EM LEITURA EM LÍNGUA ESTRANGEIRA: ITENS ISOLADOS E ITENS INTEGRADORES\*

Kátia da Silva ARAÚJO (Universidade Estadual de Campinas)

*ABSTRACT: Despite the use of different items in L2 tests, little is known about the effects integration or isolation of abilities can produce in test takers' approaching to such tests or in their performances. This article aims at discussing theoretical principles involved in this issue and some implications to assessment of L2 reading.*

*KEYWORDS: assessment; reading; foreign language.*

### 0. Introdução

A investigação da avaliação de compreensão em leitura em Língua Estrangeira surgiu como um tópico de pesquisa a partir da reflexão sobre o papel que a Avaliação de Língua desempenha na sociedade. Além dos contextos escolares, vemos a Avaliação influenciando a vida das pessoas em contextos mais amplos, como o ingresso em cursos de graduação e pós, aquisição de bolsas de estudo e empregos e a manutenção dos mesmos. Compreender os processos que estão envolvidos numa Avaliação podem, portanto, trazer ganhos para a maneira como elas são formuladas, aplicadas, corrigidas, e os impactos que possam causar na sociedade – tanto no ensino (efeito retroativo) quanto impactos mais imediatos (o modo como o resultado de um exame interfere no funcionamento de instituições sociais e na vida das pessoas mais diretamente).

A escolha no deter-se mais específico sobre Avaliação de Leitura em LE e sobre a questão de tipos de itens (integradores e isolados) deve-se a uma lacuna nas pesquisas sobre esse tópico no que concerne a adequação do uso de diferentes instrumentos avaliativos nos diferentes contextos de Avaliação de Língua.

O uso dos termos “item integrador” (*integrative item*) e “item isolado” (*discrete point item*) neste trabalho é retirado de Alderson (2000), no sentido de tarefas presentes numa avaliação que integrem ou não diferentes habilidades lingüísticas. Tarefas que integrem leitura e

ARAÚJO, K. S. Avaliação de compreensão em leitura em língua estrangeira: itens isolados e itens integradores. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

escrita, por exemplo, seriam exemplos de itens integradores. Uma tarefa que busque avaliar somente leitura seria um exemplo de item isolado.

Itens integradores e itens isolados são usados como parte de diversos instrumentos avaliativos, embora neles residam parte de uma discussão sobre Avaliação de compreensão em leitura em LE sobre a qual não existe um consenso ou mesmo reflexão mais centrada. O uso de itens integradores é advogado por alguns estudiosos como sendo mais coerente com uma visão de linguagem como meio de agir no mundo. As pessoas lêem para realizar as mais variadas atividades – para fazer uma receita culinária, para aprenderem algum conceito, para responder uma carta ou e-mail, para se prepararem para falar em público etc. O uso das habilidades, portanto, é feito de forma conjunta, habilidades sendo usadas de maneira integrada. Dessa forma, se o objetivo de uma avaliação de língua é tentar ser uma amostra demonstrativa do uso da linguagem que é feito em situações reais – o que nos remete ao conceito de validade da avaliação –, o mais coerente seria formular itens que reflitam essa concepção de linguagem, que integrem o uso de habilidades na tentativa de aproximar ao máximo o instrumento avaliativo do tipo de desempenho que se espera que o examinando (*test taker*) apresente.

Itens isolados, por outro lado, também têm seus defensores. Um dos fatores mencionados como aspecto que tornaria itens isolados mais apropriados como instrumentos avaliativos seria a “contaminação” que itens integradores acabam causando. Um item isolado, ou seja, aquele em que apenas uma habilidade é avaliada – somente leitura ou escrita, por exemplo – teria como principal vantagem o fato de ser um meio mais “puro” de acesso à capacidade de desempenho do examinando numa determinada habilidade. Examinar a compreensão em leitura através da escrita, por exemplo, poderia revelar-se uma medida enviesada, “contaminada”: a deficiência na habilidade de produção escrita poderia atrapalhar a avaliação da habilidade de leitura. Assim, a avaliação não cumpriria seu papel, de corretamente avaliar, diagnosticar os pontos fortes e fracos de um examinando. Além disso, há o questionamento sobre se um item isolado pode realmente ser considerado como baseado numa concepção de linguagem idealizada e irreal, já que em muitas situações o que realmente presenciamos é o uso isolado de habilidades, como no caso dos cursos de Língua Estrangeira Instrumental.

No meio dessa discussão, entre defesas de itens integradores e isolados, encontramos ainda outros tipos de proposições que aumentam o impasse sobre o uso desses diferentes itens. É senso comum afirmar que itens integradores têm um grau de exigência mais elevado que itens

ARAÚJO, K. S. Avaliação de compreensão em leitura em língua estrangeira: itens isolados e itens integradores. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

isolados, tornando uma avaliação mais difícil, já que geralmente as habilidades de compreensão são maiores que as de produção. Esse ponto de vista acaba traçando uma certa tendência de uso dos itens nas avaliações, cujo efeito não é claramente conhecido ou mesmo estudado. Os processos que tornam um item mais ou menos exigente (“difícil”) envolvem fatores como propósito da avaliação, modo como os itens são formulados, níveis de compreensão abrangidos e outros. No entanto, a posição assumida na elaboração de avaliações em muitos contextos – exames de proficiência, de seleção, de classificação, de desempenho, de rendimento etc – de que simplesmente itens integradores são mais “difíceis” que itens isolados, sem a devida atenção a outros processos e aspectos, pode revelar-se equivocada e trazer conseqüências que não são previstas pelos elaboradores dos testes.

Tecidas tais considerações introdutórias, na seção seguinte é feita breve discussão sobre os princípios terminológicos e conceituais envolvidos na questão e, em seguida, a consideração sobre alguns aspectos e implicações relevantes levantados pela pesquisa para o ensino e avaliação de inglês – LE.

#### 1. Considerações terminológicas e conceituais

Falar sobre integração ou isolamento de habilidades na avaliação abrange a discussão sobre a visão do uso de língua de cada uma dessas abordagens, ou de postura mais estruturalista ou mais comunicativa, ou pragmática.

Um dos primeiros trabalhos que identifica essa dimensão pragmática na formulação dos itens é a discussão de Oller (1979) sobre itens isolados, integradores e pragmáticos. As definições do autor sobre como se caracterizariam cada um desses tipos de itens traça as diferenças básicas entre eles, embora ele ressalte a sobreposição parcial que existe na definição de itens integradores e itens pragmáticos. Para ele, itens *isolados (discrete point itens)* são, primordialmente, aqueles que se concentram sobre um ponto específico de gramática, e daí se entende a avaliação somente de uma habilidade, ou um aspecto de uma habilidade. Discorrendo sobre os objetivos de um item desse tipo, ele afirma que o propósito principal de um item isolado é avaliar a capacidade do examinando em determinados pontos isolados de gramática, sistema fonológico ou morfológico, e que desse princípio são formulados também outros testes que isolem um componente ou uma habilidade de outras.

ARAÚJO, K. S. Avaliação de compreensão em leitura em língua estrangeira: itens isolados e itens integradores. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

A noção de item integrador surgiu como oposição ao item isolado, constituindo um instrumento que tenta avaliar mais de um elemento, aspecto ou habilidade ao mesmo tempo. No entanto, no início essa definição era mais estreita do que o que hoje chamamos de integração. Daí o termo *testes pragmáticos* usado por Oller para definir um tipo de item que procurava não apenas integrar elementos, aspectos ou habilidades, mas fazia isso tentando seguir uma lógica própria do uso real de língua. Segundo ele, um teste pragmático sempre seria integrador, na medida em que nunca testaria um componente isolado, mas não necessariamente um teste integrador sempre seria pragmático, pois, mesmo de forma integrada, ele poderia não se conformar aos moldes contextuais usuais no uso autêntico da língua. Estudos mais recentes, no entanto, já se referem à integração como envolvendo o componente pragmático em si, sem a necessidade de se referir a “testes pragmáticos” como algo “a mais” que integrador.

Alderson (2000:25-27), já trabalhando com o termo “integração” nessa perspectiva mais recente, afirma que a visão de leitura como socialmente intrincada com outras habilidades, numa perspectiva de letramento como prática social, traz implicações para o modo como a leitura é avaliada. Essa nova postura, conseqüentemente, questiona o modo “isolado” como alguns testes avaliam a leitura. O autor apresenta alguns dos argumentos que alguns teóricos sustentam para defender o isolamento – evita a “contaminação” de habilidades, a avaliação enviesada pela provisão de insumo escrito (que facilitaria o processo de escrita em LE e até estimularia a simples cópia), e a maior complexidade do processo integrador que poderia resultar em testes mais “difíceis” devido à construção do item, e não pela complexidade inerente ao construto avaliado – ou a integração – mais condizente a uma visão mais comunicativa de língua, trabalha a leitura dentro de um contexto letrado mais amplo (e, por isso, mais significativo), não vê a leitura como simples habilidade cognitiva, mas também como prática social.

Percebe-se que o autor já remete a uma visão de “avaliação integrada” não somente como integração de macro-habilidades, mas também como integração da leitura a práticas letradas diversas, a um contexto de uso que extrapola o lingüístico e entra no universo social mais amplo, no qual a leitura cumpre diferentes papéis que devem ser levados em consideração na construção de avaliações. E embora concorde que não há como considerar a leitura somente como uma capacidade cognitiva, sugere que maior investigação é necessária na área para que se

ARAÚJO, K. S. Avaliação de compreensão em leitura em língua estrangeira: itens isolados e itens integradores. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

possa ter uma idéia mais clara dos resultados práticos que o isolamento ou a integração têm quando empregados em avaliações de leitura em LE.

## 2. Implicações da integração ou isolamento de habilidades para a avaliação de leitura em LE

A avaliação integrada de habilidades, embora possua as vantagens advogadas por muitos teóricos, também tem pontos controversos. Por um lado, ela busca assemelhar-se ao modo como a língua é usada no cotidiano e prever de maneira mais direta o desempenho futuro do candidato usando a LE; por outro, ela não é tão transparente quanto a avaliação isolada de uma habilidade em termos do construto mensurado, problema apontado por Weir (1990) como *avaliação contaminada (muddied measurement)*. A “contaminação” ocorre quando a avaliação de uma macro-habilidade sofre interferência de outra, de modo que o produto dessa avaliação como um todo possa demonstrar um desempenho aquém da proficiência usual do examinando. Assim, um examinando bom leitor<sup>1</sup> poderia ser prejudicado por deficiências na sua habilidade de escrita, quando essas duas habilidades estivessem sendo avaliadas de forma integrada, por exemplo; ou alguém com mais dificuldades na compreensão oral poderia ter sua habilidade de escrita subestimada, quando dependesse da compreensão de um trecho de uma conversa para elaborar um texto escrito. No caso de avaliar leitura e escrita conjuntamente, soma-se uma variável a mais a esse problema: o das capacidades de produção e recepção habitualmente não seguirem o mesmo compasso de desenvolvimento, principalmente nos níveis de proficiência mais básicos<sup>2</sup>. Lee (1986), numa pesquisa sobre os efeitos do conhecimento prévio para a leitura, afirma que a natureza do método empregado para a coleta de dados – respostas dadas em LM e não em LE num teste de leitura – foi essencial para explicar a diferença de seus resultados dos resultados de pesquisa anteriores, uma vez que geralmente a capacidade de compreender uma LE é maior que a capacidade de produzi-la, e que, por isso, o modo como a compreensão da leitura é avaliada influencia a avaliação dessa compreensão.

Um dos problemas da contaminação da avaliação mais evidente é a perda da função diagnóstica da avaliação. Quando ocorre a contaminação, não é possível verificar onde estão localizados os pontos fracos e fortes do examinando. Numa avaliação de sala de aula, por exemplo, isso é primordial, se pensamos na avaliação como um instrumento formativo, de auxílio no estabelecimento de um plano de ação que vise a melhora do rendimento do aluno. Num exame de proficiência esse efeito é

ARAÚJO, K. S. Avaliação de compreensão em leitura em língua estrangeira: itens isolados e itens integradores. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

minimizado, se o objetivo do teste for estabelecer um nível de proficiência de maneira global. Se ele almejar reportar separadamente o desempenho do candidato em “faixas” de proficiência em cada uma das habilidades, um fator de dificuldade a mais é adicionado, visto que na integração as habilidades se mesclam na avaliação, e a contaminação, se não impedisse, complicaria esse processo.

Num texto que procurava caracterizar o estado da arte da integração de habilidades na avaliação, Lewkowicz (1997) discute brevemente os efeitos da contaminação de habilidades demonstrado por Weir (op.cit.), assim como identifica outras questões ainda presentes nesse campo. Entre elas, aponta questões de praticidade do teste, característica que nem sempre é possível de ser alcançada, dada a complexidade e o dispêndio de recursos (humanos, financeiros, materiais) necessários na formulação e aplicação de testes integradores. Ela traça uma diferença terminológica entre *integrative* e *integrated*, propondo o primeiro como a avaliação de mais de uma macro-habilidade ao mesmo tempo, e o segundo como a ligação temática entre itens de avaliação de diferentes habilidades num mesmo teste. Sempre apontando a busca de autenticidade lingüística como inerente a avaliações que se proponham integradoras, a autora ainda indica a dificuldade de definir o que realmente é “autêntico” em termos de uso de língua, assim como as questões que daí derivam, como a complexidade da garantia da confiabilidade de “testes autênticos”.

### 3. Considerações finais

Ao longo do artigo, demonstramos a complexidade em que está envolvida a questão da integração ou isolamento de macro-habilidades na avaliação de leitura em LE, assim como algumas implicações que dela derivam para a formulação, aplicação e correção de testes e exames. A necessidade de um maior esclarecimento e consciência do funcionamento desses diferentes tipos de itens fica clara, pois como já apontado anteriormente, avaliações de LE possuem um papel importante socialmente.

A investigação de como a perspectiva dos examinandos atua nesse processo pode trazer grandes ganhos para uma maior adequação das avaliações, assim como identificar pontos em que há controvérsia entre as percepções de examinandos, examinadores ou outros *stakeholders*<sup>3</sup> dos exames.

Muitos são os fatores que atuam na composição da percepção do examinando sobre o teste. Uma delas é a própria concepção que o examinando tem sobre o que é uma avaliação de LE, que irá, por exemplo, influenciar o quanto ele acredita que aquela é uma avaliação válida. O conceito de *validade de face* está envolvido nessa questão, e embora trate de um aspecto do conceito de validade muitas vezes negligenciado, por referir-se a uma espécie de validade mais “aparente”, atribuída pelo leigo, em minha opinião é um fator importante a ser levado em consideração. A percepção que o examinando tem sobre o teste pode influenciar o modo como se prepara para realizá-lo, que conteúdos e/ou habilidades ele acredita serem importantes para realizar bem o teste, que aspectos ele priorizará e que estratégias desenvolverá, entre outros elementos. Esses aspectos, por sua vez, podem atuar no desempenho do examinando e nos resultados que ele apresentará ao final da avaliação.

Concluimos ressaltando mais uma vez a necessidade de pesquisas na área, tanto em contexto de exames de proficiência ou mecanismos de seleção particulares quanto em avaliações de contexto escolar. Tais investigações podem trazer ganhos num nível mais imediato, de aplicação, correção e *feedback* para os examinandos, quanto num nível mais amplo, estimulando o efeito retroativo benéfico de exames e testes adequados e de princípios coerentes.

## NOTAS

---

\* Esta pesquisa conta com apoio da FAPESP, processo nº 03/11630-3.

<sup>1</sup> Embora aqui usado, o termo *bom leitor* não parece muito apropriado, pois pode dar a impressão que um juízo de valor subjetivo é emitido. E também porque, assim como Scaramucci (1990, p.78), *julgamos problemática a caracterização do bom leitor*. Assim como para a autora, o termo aqui refere-se aos sujeitos que se sobressaem na aplicação dos testes.

<sup>2</sup> O termo *proficiência* é aqui usado como relativo à situação de uso, e não como um “ponto absoluto” que deva ser atingido para que se possa ser considerado capaz de usar a LE. Um indivíduo pode ter proficiência básica, intermediária, avançada, proficiência para ler manuais, para ser comissário de bordo, para ser tradutor – daí dizer *níveis de proficiência*. Para uma discussão mais detalhada, ver Scaramucci 2000.

<sup>3</sup> O termo *stakeholder*, na literatura de avaliação de línguas, refere-se a todas as pessoas e/ou instituições que fazem parte do processo de avaliação em algum nível: os responsáveis pela formulação e correção, os

ARAÚJO, K. S. Avaliação de compreensão em leitura em língua estrangeira: itens isolados e itens integradores. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

---

examinandos, e as instituições ou pessoas que usam os resultados das avaliações para algum fim seletivo, como uma empresa num exame de seleção para um emprego, uma instituição educacional para o ingresso num programa de estudos, uma agência financiadora para distribuição de bolsas de pesquisa, entre outros usos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALDERSON, J. C. *Assessing Reading*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- LEE, J.F. Background Knowledge & L2 Reading. *The Modern Language Journal* 70 (4), pp. 350-354, 1986.
- LEWKOWICZ, J. A. The integrated testing of a second language. In: Clapham, C. & Corson, D. (orgs.) *Encyclopedia of Language and Education, Volume 7: Language Testing and Assessment*, pp. 121-120, 1997.
- OLLER Jr., J. W. *Language Tests at School*. London: Longman, 1979.
- SCARAMUCCI, M.V.R. O Resumo e a Avaliação da Compreensão em Leitura em Língua Estrangeira. *Trabalhos em Lingüística Aplicada* 15, pp. 65-86, 1990.
- \_\_\_\_\_. Proficiência em LE: Considerações Terminológicas e Conceituais. *Trabalhos em Lingüística Aplicada* 36, pp. 11-22, 2000.
- WEIR, C. J. *Communicative Language Testing*, Prentice Hall: Hemmel Hampstead, 1990.